



FRANÇA

A extrema direita assombra Macron

Jordan Bardella,
presidente do partido
ultraconservador Reunião
Nacional: oportunidade
para fazer história

Mais de 49 milhões de pessoas estão aptas a votar, hoje e no próximo domingo, nas eleições legislativas. Pesquisas sinalizam vitória do partido ultraconservador Reagrupamento Nacional, o que colocaria o presidente em apuros

» RODRIGO CRAVEIRO

André Pain/AFP



Emmanuel Macron adverte que os programas de partidos "extremos" podem levar a França a uma guerra civil

Assentada no lema "Liberdade, igualdade e fraternidade", a França vai às urnas, hoje, com a possibilidade de sofrer um terremoto político, caso as pesquisas se confirmem e a extrema direita vença as eleições legislativas. Os franceses escolherão, em círculos eleitorais não nominais e em dois turnos, os 577 deputados da Assembleia Nacional (AN). A segunda rodada de votação ocorrerá em 7 de julho, quando ficará conhecida a composição do Parlamento.

Além da possibilidade de renovar a AN, o pleito se impõe como um "referendo" para o presidente centrista Emmanuel Macron, do partido Renascimento. "Quero evitar que os extremos, especialmente a extrema direita, ganhem estas eleições", disse o premiê de centro-direita, Gabriel Attal, ao exortar os franceses a votarem na coalizão de Macron. Para obter a maioria no Parlamento, é preciso a captura de 289 assentos. As estimativas são de que o ultraconservador Reagrupamento Nacional (RN) conquiste entre 260 e 295 cadeiras.

Todas as atenções de Macron, de seus simpatizantes e do mundo se voltam para Jordan Bardella, 28 anos, o principal candidato e presidente do RN, que goza de total apoio de Marine Le Pen para chegar ao posto de primeiro-ministro. Bardella e seus colegas de partido têm a possibilidade de levar a extrema direita ao poder pela primeira vez desde a libertação da França da ocupação da Alemanha nazista, em 1945. "Nossos compatriotas têm o sentimento de que o Estado não aplica suas leis, de que o Estado é fraco com os fortes e forte com os fracos", disse Bardella, em recente debate na televisão. Ontem, ele enviou uma mensagem

ao povo francês, em vídeo divulgado pelas redes sociais. "Nada pode deter um povo que começou a ter esperança. Tenham fé na França, sejam livres, sejam apaixonadamente franceses: neste domingo, mobilizem-se e votem nos candidatos do Reagrupamento Nacional", pediu. "Nós estamos prontos."

Em 9 de junho, depois de a extrema direita se tornar a segunda maior força política da França e surpreender nas eleições do Parlamento Europeu, Macron dissolveu a Assembleia Nacional e convocou o pleito antecipado. Uma vitória dos ultraconservadores, hoje, impõe três possíveis cenários ao país: o bloqueio institucional, a coabitação ou a renúncia (veja quadro).

Eu acho...



Arquivo pessoal

"Tantos eleitores pendem para o Reagrupamento Nacional por ele ser o único grande partido que jamais esteve no poder. Os franceses querem lhes dar uma chance. Os conservadores da ala mainstream estão com morte cerebral, e Macron tem sofrido rejeição inclusive dos centristas. A social-democracia concordou com um acordo eleitoral com o partido França Insubmissa, de extrema esquerda, o qual enfrenta séria oposição dos socialistas moderados e da centro-esquerda. Nosso sistema partidário está em ruínas. O Reagrupamento Nacional representa um voto de protesto e contra a União Europeia. Também é a escolha dos nacionalistas anti-imigração e dos populistas."

Jean-Yves Camus, cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, em Paris

Attal acusou a extrema direita de apoiar "mais de cem candidatos" com declarações "racistas, antissemitas e homofóbicas".

Segundo a agência de notícias France Presse, as primeiras pistas sobre se extrema direita se aproximará ou não do poder serão

Cenários possíveis

O QUE PODE OCORRER APÓS O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS, EM 7 DE JULHO:

realizar alianças incomuns ou tentar governar, sob o risco de bloqueio institucional.

Bloqueio institucional

Macron antecipou as legislativas, previstas para 2027, em virtude da vitória do Reagrupamento Nacional (RN) nas eleições europeias de 9 de junho. Após as eleições na Assembleia Nacional (Câmara Baixa) em 2022, Macron não tinha maioria absoluta e o espectro político se dividiu em três blocos: a aliança governista de centro-direita, a oposição formada por partidos de esquerda e a extrema direita. Isso fez com que Macron fosse obrigado a costurar acordos com Os Republicanos (direita) para levar adiante as grandes reformas, como a migratória e a previdenciária. A antecipação das eleições implodiu a formação. Caso se repita uma situação sem maioria absoluta, os partidos deverão

Coabitação

O mandato do presidente termina em 2027. A vitória de um partido ou aliança opositora com maioria absoluta faria com que Macron tivesse que partilhar o poder com um governo de outra ideologia. Desde 1958, dois presidentes tiveram "coabitações": o socialista François Mitterrand (1981-1995), com dois governos conservadores, e o conservador Jacques Chirac (1995-2007), com um socialista. Os analistas não descartam uma eventual maioria absoluta do RN e a coabitação entre Macron e Bardella.

Renúncia

Em caso de novo revés para Macron, o Reagrupamento Nacional poderia recrudescer pedidos pela renúncia do presidente.

conhecidas na noite de hoje, assim que forem divulgados se o RN terá deputados eleitos no primeiro turno e a configuração de duelsos em 7 de julho: com dois ou mais candidatos.

Jean-Yves Camus, cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, em Paris, admitiu ao **Correio** que Macron está em "grandes apuros". "Todas as pesquisas apontam o Reagrupamento Nacional à frente, com cerca de 35%, contra 29% para a Esquerda Unida e somente 29%, para o Renascimento. Apenas depois do segundo turno teremos um panorama claro da situação, mas o Reagrupamento Nacional provavelmente terá maioria no Parlamento." De acordo com o estudo,

Macron deverá escolher Bardella como primeiro-ministro, ainda que a Constituição não o obrigue a tomar essa atitude. Um cenário inédito na França: o presidente e o premiê estiveram em lados opostos do espectro político, mas nenhum deles veio de um partido radical.

"Em temas-chave, como imigração, defesa, Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), União Europeia (UE) e nomeações-chave para cargos importantes, Macron e Bardella não podem concordar, a menos que um deles abandone a agenda", observou Camus. Ele aponta que outra possibilidade é a eleição de uma Assembleia Nacional sem maioria viável, o que representaria uma crise política.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

BIDEN E OS ANJOS DE LINCOLN

Se no fim das contas tudo se resumir a uma avaliação de condições físicas e discursivas, a natureza contextual de Joe Biden não prevalecerá sobre a perfídia de Donald Trump. Os Estados Unidos precisam da proteção dos melhores anjos da natureza para não se entregarem à vã dissolução.

Era quatro de março de 1861 e Abraham Lincoln concluía seu primeiro discurso de posse dizendo: "Não somos inimigos, mas amigos. Não devemos ser inimigos. Embora a paixão possa ter se tensionado, ela não deve quebrar nossos laços de afeto. Nossa União será fortalecida quando for novamente tocada, como certamente será, pelos melhores anjos da nossa natureza". O contexto era a secessão dos

estados do Sul e a ameaça iminente de guerra civil nos EUA.

Na década passada, o psicólogo Steven Pinker usou essa frase de Lincoln para intitular sua obra *Os melhores anjos da nossa natureza*, que cataloga o declínio secular da violência em nosso mundo. Pinker argumenta que o progresso humano, apesar das adversidades, tem mostrado uma tendência clara de melhoria nas condições de vida globais. Ele destaca como a razão, a ciência, o humanismo e o progresso têm sido pilares fundamentais para esse avanço.

Pinker demonstra como, ao longo dos séculos, temos presenciado uma redução significativa na violência e um aumento na prosperidade, educação e saúde. Esses

avanços são resultados de políticas baseadas em evidências e da abertura a novas ideias e culturas, algo amplificado pela imigração. Sem a imigração e o comércio global, o mundo seria muito mais pobre e encrencado.

De todo modo, no contexto atual, são justamente a imigração e a relação dos EUA com o mundo os grandes pontos de divisão da sociedade americana. Existem muitos outros tópicos a comentar sobre o muitas vezes leviano bate-boca que foi o debate de quinta-feira à noite entre os candidatos à Casa Branca, mas prefiro falar da imigração.

É espantoso constatar que não apenas os eleitores americanos desejavam um controle ainda mais rígido da imigração sob a administração Biden, mas que a maioria acredita que Trump é quem lidar melhor com a questão entre os dois. Segundo pesquisa Reuters/Ipsos da semana que passou, os eleitores escolheram Trump por 44% contra 31%.

Entre outros despautérios, Trump enfatiza termos como "Biden Migrant Crime" para associar falsamente imigração a criminalidade e desordem. São lideranças assim que explicam por que as pessoas não notam que o mundo melhorou e segue melhorando, bem como não notam o bem danado que a imigração traz para um país. Pior, são lideranças assim que atrasam o progresso do mundo. Afinal, a melhor solução para não atrair imigrantes é ter um país inóspito, com uma economia terrível, sem melhores expectativas e esperanças. Pobre dos países que não atraem imigrantes. Seria isso que o americano médio deseja para seu país?

O fato é que, apesar das lamúrias e da desinformação, a economia dos Estados Unidos está em pleno crescimento, e a imigração desempenha um papel crucial nesse cenário. Entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, aproximadamente 50% do crescimento

do mercado de trabalho veio de trabalhadores nascidos no exterior, de acordo com o Economic Policy Institute, um think tank de Washington.

Imigrantes recuperaram-se mais rapidamente das perturbações da pandemia e muitos tiveram aumentos salariais significativos em indústrias necessitadas de mão de obra. Os dados mostram que a imigração fortalece a economia americana, preenchendo lacunas críticas no mercado de trabalho e contribuindo para um crescimento robusto. Sem os imigrantes, inclusive os sem documentos, os EUA cresceriam menos. É isso que desejam?

Apesar da retórica polarizadora e das políticas restritivas defendidas por líderes como Trump, a imigração tem mostrado benefícios claros e mensuráveis. Políticas restritivas poderiam prejudicar o crescimento econômico contínuo e a inovação, elementos essenciais para a prosperidade do país.

É, assim, fundamental que eleitores e líderes compreendam os benefícios trazidos pela chegada de estrangeiros ao país. Uma abordagem abrangente e informada permitirá que os Estados Unidos mantenham sua trajetória de progresso e crescimento. A imigração não só enriquece a diversidade cultural, mas também serve como um motor indispensável para o desenvolvimento econômico, garantindo que o país continue a ser uma terra de oportunidades e crescimento. Quisera que o Brasil ainda estivesse atraindo muitos imigrantes, em vez de ver brasileiros compelidos a buscar uma vida melhor no exterior.

Enfim, que os melhores anjos da nossa natureza ajudem nossos amigos estadunidenses a viverem fora de tais pressões políticas temporais.

Aos estimados leitores:
A coluna volta a ser publicada em 11 de agosto.

PAULO DELGADO, sociólogo.